

Crónica | Na última tarde do verão um nome

A última tarde do verão lembra-me meus pais. Até hoje não sei explicar porque vivo angústias surgirem entardecidas e muitas em variados sítios antigos mesmo quando andorinhas do mar revolvem voos rasantes para renunciarem afinal caramanchões em direcção da esplanada. Eu que sempre tive uma esplanada onde aprender interiorizar bagatelas! Julgo-me privilegiado. Dei-lhe até um nome: Sem Nome. Foi na infância livre a borrar roupinha ou rasgá-la no jogo da escondida, até talvez na adolescência desprezável quando a barba reclama não ser negligenciada. Aí tentava era escrever versos fingirem explicarem os dias! Nunca me ocorreu foi explicar as luas. Com elas não finjo até hoje! Seria distração de sonhador, que tem que se lhe diga, como ouvia do meu pai. Até porque as estrelas encantaram-me sempre mais... dizia frente a meu pai... certo é o nome perseguir-me, até hoje, dessa esplanada ainda quase privada que é Sem Nome. E todos afinal temos a nossa. Vai dizendo-me a experiência de vida. Ela teima permanecer virada à última tarde de cada verão que acontece e assisto. Como se fosse palpável fazer-se em barquinhos de papel, também moldar-se no barro das escarpas ainda que os chorões resistentes aguentarem teu peso quando surgias com um livro de poesia debaixo do pulso e coração provavelmente arquejado, excedido, nesses devaneios adolescentes apesar da idade. Pensava ser mesmo assim apenas porque cada vez que a luz do mundo se esmorece, esbatendo silêncios, nem os filósofos explicam. Talvez seja o raio do ciclo da vida perdurar, resumir uma conclusão refutável de nascer e morrer. Pensava até impossível haver um jardim contigo, demais num livro com palavras bonitas, presumo. Afoita como sempre

hoje lembro atravessares Genebra antiga com passinhos estreitos. Eu estranhava acautelarem não pisar nem que fossem folhas. Mas paravas quando a passarada debicava um charquinho! Tenho em mim o teu rosto ainda maravilhado, parecia acreditar na poesia esvoaçar e quase que



sempre raramente bebe água ou que alguém teime dizer estar dentro nessas palavras. Mas a passarada estava dentro da poesia! então tu não pisavas os charquinhos... na última tarde do verão até a passarada afoitava-se debicar charquinhos, remexias insistente na pasta variados papéis, escritos de autores desconhecidos esvoaçarem para o Lac Le Mans, na brisa pareciam apanhar solidões sob claridades dissipadas. Afinal o teu rosto lia-se na poesia ainda difusa mas o jardim do verão inteiro parecia persistir, tu recordares mais um poeta, lias vagarosa sem olhar as unhas ausentes do verniz delicadas aparadas na saliva

concertada

- ... olha com amor o teu jardim,/ vê aquela flor que vai nascer/ e não me chames senhor...

a passarada dava leques debicavam água que parecia suceder dos teus seios e tu bisbilhotavas palavras alheias, sorrias comovida uma inocência própria de pessoas baixas no corpo. Lias poemas e o lago teimava calmo. Olhava o teu rosto para me virar para o lago. Sossegado na última tarde do verão sem nome. Eu queria encontrar um nome explicar-me também comovido na tua postura. Cada vez que lias palavras fugiam de mim, pairavam sobre o lago nos papéis com corações desenhados, caligrafias entontecidas, acervos até caíam fracos nas ondas pedantes exaltarem uma ligeira brisa no Lac Le Mans frondoso pronto a decompor velejadores e enseadas de caramanchões - tenho que encontrar nome cada vez que o verão desmaia numa última tarde, ainda vivo, meus pais aos beijos longe disto...

- os poetas escrevem só asneiras, dizem demasiado de si fragrâncias nas palavras

...os pais ainda aos beijos, tu, em passinhos curtos

não faziam espantar a passarada, nesse ano de mil novecentos e noventa e seis na Rue de L'Athénée, a poesia ecoar na Brasserie Landolt na Rue de Candole, teimares exorcizar passados presentes nas folhas escritas poemas estropiados quase passarinhos arvorados escaparem das árvores e conduzirem pés desatentos, plagiadas sombras.

- Poema de Orlando Castro

- "A invocação mágica de Alma Welt"

(Óleo sobre tela de Guilherme de Faria, 2007)

(Nesta crónica recordo a Dr.^a Maria Rosa Cassola Ribeiro)

Paço de Arcos, Outubro 2009